

ENTRE BOBOS ANDA O JOGO

DE FRANCISCO ROJAS ZORRILLA

VERSÃO E TRADUÇÃO DE
ANGEL GARCÍA SUÁREZ

PERSONAGENS

DONA ISABEL

ANDREIA

CABELEIRA

DOM ANTONIO

DOM PEDRO

CARRANZA

DOM LUIS

DOM LUCAS

DONA ALFONSA

QUADRO PRIMERO

- ISABEL: Que meu pai, ^{o pai}desadvertido
dar-me esse marido queira.
- ANDREA: Marido dessa maneira
não pode ser bom marido.
Quinta, teu pai escreveu
a São Paulo, foi assim?
Pois, sexta, disse que sim,
No domingo será teu
ao casamento assinar.
Tal como está o noivo pronto,
acredito que ele é tonto,
pela pressa que se dá.
- ISABEL: Obedecer é o melhor,
a meu pai, amiga Andreia.
- ANDREIA: Pode ser que esse sim seja,
mas nenhum marido é bom.
Seja bem vindo o amador,
desses que se usam agora:
que a todas fala que adora
e a nenhuma tem amor.
- ISABEL: O contrario venho a crer,
disso que a falar estás:
de minha atenção verás
que o marido e a mulher,
devem manter, não ignoro,
em tálamo repetido,
respeito, ela a seu marido
e, ele, a sua mulher, decoro.
- ANDREIA: Diga, un marido é melhor
que em casa sua vida passa.
- ISABEL: Pois, que importa que estê em casa
enquanto eu lhe tenha amor?
- ANDREIA: Que é forçado, não te cheira
mal?
- ISABEL: Pois também não me enfada.

Isabel é minha ama,
dona desta alma que somente a ela ama.

CARRANZA: Ouvi tua relação e maravilha
que com três vocábulo de cartilha
todos impertinentes
me digas tantas coisas diferentes.

DON LUCAS: Abaixe dona Alfonsa.

ALFONSA: Pare.

DON LUCAS: Corra.

ALFONSA: Ou vou ter um desmaio que aqui morra.
Aguarda, meu irmão.

DON LUCAS: Tenho vontade
de descançar, irmã.

CARRANZA: Ela, de verdade,
é parente imponente e torpe.

DON LUIZ: Sim.

DON LUCAS: Amigo, fala você para mim?

CARRANZA: Eu disse, meu senhor,
que hoje está fazendo muito calor.

DON LUCAS: Pareceu-me outra coisa mais velhaca
se assim foi vou golpear-te com a estaca.

CARRANZA: Senhor, eu sou homem de coração
no peito, e não permito violação
nenhuma do respeito a mim devido:
tem que retratar-se neste sentido.

- DON LUCAS: Sacana.
- CARRANZA: Saque a espada.
- DON LUCAS: Seu valente, encaixe-me esta estocada.
- DON LUIZ: Desculpe, meu senhor, a este criado, ele é descabeçado.
- DON LUCAS: Quero ver-te pendurando d'um galho.
- CARRANZA: Escute como treme meu gargalho.
- DON LUIZ: Faça o favor de ouvir.
- DON LUCAS: Esse homem não tem direito a existir.
- ALFONSA: Senhor, olha.
- DON LUIZ: Repara,
que é meu servente.
- DON LUCAS: Fora.
- DON PEDRO: Para, para.
- DON LUIZ: Como entrou uma liteira, *acalmar* vos
- DON LUCAS: *Mesmo que* entrasse um coche, eu vou matar-vos.
- DON PEDRO: Que está ocorrendo aqui?
- ALFONSA: Já chega, irmão.
Detem-te.
- DON LUCAS: Não toque na minha mão.
- ANTÔNIO: A quem xinga?
- ALFONSA: A aqieste infeliz criado.
- ANTÔNIO: Irritar-se com um pobre coitado.
- DON LUIZ: Embainhe se esta mais *acalm* ado.

DON LUCAS: Primeiro que embainhe *seu* criado.

CARRANZA: A espada desembunho
e obedeço.

DON LUCAS: a de Ortunho.

ISABEL: Andrêia, que homem.

ANDRÊIA: Parece-me um ogro.

DON LUCAS: Acredito, senhor, que sois meu sogro.

ANTÔNIO: E vosso pai vou ser.

DON LUCAS: Morro abraçado.

ALFONSA: (aparte) Pedro, porque não me terá falado?
Mas também pode ser que não me veja.

ISABEL: (aparte) Dona Alfonsa é aquela, *amiga Andreia?*

DON LUIZ: (ap.) Essa é dona Isabel.

CARRANZA: (ap.) Boca fechada.

ANDRÊIA: (ap.) Don Luizão também está na pousada.

DON LUIZ: (ap.) Não posso resistir-me

ISABEL: (ap.) Que até aqui tenha vindo perseguir-me.

DON LUCAS: E olhou-a meu primo?

ANTÔNIO: Nem lhe falou.

DON LUCAS: Veio sempre encoberta?

ANTÔNIO: Assim chegou.

DON LUCAS: E quer-me bem?

ANTÔNIO: Estã quase a morrer.

DON LUCAS: E posso lhe dizer o que eu quizer?

ANTÔNIO: Sim pode.

DON LUCAS: Posso?

ANTÔNIO: Sim.

DON LUCAS: Pois toma nota,

Isabel, e que não se perda gota:
um amor que apenas ouça
falar-vos, diz muito fiel
que uma de dois, Isabel:
ou sois feia ou sois formosa.
se sois formosa, *está certo*
encobrir cara tão rara,
que não vai ir vossa cara
com *o rosto* descoberto.
Se feia, o tapar-vos seja
diligência bem lograda
posto que, estando tapada
ninguém vai ver se sois feia.
Que todos vão folgar, digo,
com você, se sois beldade,
mas, se sois feia, em verdade,
todos folgaram comigo.
Fica, pois, com ela posta,
por mais que seja importuna
coisa. Que gente nenhuma
vai se rir as minhas costas.

ISABEL: (ap.) Que homem é este, Andrêia?

ANDRÊIA: (ap.) O pior
que já vi, minha senhora.

ANTÔNIO: (ap.) Besta!

DON LUIZ: (ap.) O coração me estoura.

DON LUCAS: Não falãis ?

ISABEL: Digo, senhor

17

que devo agradecimento
às ânsias e paixões tais
e que em você admiro iguais
o talhe e o entendimento.
E assim a morte resisto
tarde, pois quero dizer,
que *te olhando* achei morrer,
e morro te havendo visto.

DON LUCAS: Lindo engenho!

ANTÔNIO: Assim o creia
vossa paixão prevenida.

DON LUCAS: Que falou?

DON PEDRO: Que ela é entendida,
e pode que muito feia.

ALFONSA: Manda descobrir seu rosto,
irmão, pra ver sua beleza.

DON LUCAS: Não queiras tentar-me, irmã,
que *bem* parece.

ALFONSA: Que esperas?

DON LUCAS: Isabel, *face-me* o gosto
de descobrir-te, e seja
o saco o primeiro vêu
que cortas a tua modéstia.

ISABEL: O que *em* você são preceitos,
será pra mim, obediência.
Eu me destapo.

DON LUCAS: *Gostou-me.*
É uma coisa verdadeira
que fazeis *for* os caras.

ANTÔNIO: Era sua mãe muito bela.

DON PEDRO: (Ap.) Ô; meu Deus, ela é Isabel
a quem em aquela areia
ruiva da praia de Rio
liberei da morte negra.

DON LUCAS: Que te parece a fachada,
primo meu? Fala.

DON PEDRO: É bela.

ISABEL: (ap.) Já me conheceu Don Pedro,
e com seus olhos me beija.

DON PEDRO: E a ti, que te pareceu,
donã Alfonsa?

ALFONSA: É muito feia.

DON PEDRO: És mulher e não permites
que louvem outra beleza.

DON LUCAS: Imagino ^fque dizer,
depois que estás descoberta,
que não sei que coisa diga.
Pedro!

DON PEDRO: Senhor?

DON LUCAS: Olha, chega
e diz por tua boca verbos,
ou quanto a ti ^{te}pareça;
fala-lhe do mesmo jeito
como se a pessoa mesma
que eu, tu foras.

DON PEDRO: Chegar eu?

DON LUCAS: Sim. E com meu poder chegas.
Começa.

DON PEDRO: Eu já te obedeco.

ISABEL: (Ap.) Me dê minha dor paciência!

ALFONSA: (Ap.) Lindo emprego fez Zabel.

DON PEDRO: Meu amor parece ter
 asas, como ave ligeira:
 como o arroio deu com rosa,
 e com o convento a freira,
 assim, cheguei eu a achar-vos;
 que tudo é uma coisa mesma:
 pois tão iguais estão juntos,
 em você, engenho e beleza,
 que, se renderme no mais
 que a formosura quizera,
 o engenho tem de fazer
 que de ele próprio me vença:
 porque, como essas virtudes
 estão juntas, é esperteza
 não querer-vos por nenhuma,
 ou que por todas os queira.

DON LUCAS: Aperta mais a mão, Pedro,
 que isso é pouco.

DON PEDRO: Bela hiena,
 que falaste con voz branda
 por ferir com morte fera.
 Desde o momento em que olhei
 teus olhos, minhas potências
 se renderam.

ISABEL: Cã-lhe a boca,
 que é ordinaria bricadeira,
 que me venda hoje um desprezo
 com a luz de uma fineza.
 Amor não entra tão pronto
 pela vista; amor se gera
 do trato, e não vou crer
 que amor que entra com violência
 deixe de ser como o raio:
 luz forte e depois centelha

DON PEDRO: O trato não gera amor,
Isabel, que se pudera,
fora querida também,
sendo discreta, uma feia

ISABEL: Que o trato gera o amor
o ensina bem a experiência:
que se não tiver agrado,
não gostarás da beleza.

DON PEDRO: Com trato, amor, eu confeso
que é perfeito, mas se entenda
que amor pode ser sem trato.

ISABEL: Mas, enfim, amor se aumenta
com o trato.

DON PEDRO: Dizes bem.

ISABEL: Sendo assim, é coisa certa
que dá pra querer-me mais,
se mais que tratar vos queda.

DON LUCAS: (ap.) Não me agradam ~~esses~~ ^{esses} tratos.

DON PEDRO: Concedo essa consequência:
a escutar está o amor,
e já vos quer.

DON LUCAS: Muito aperta!

ISABEL: E tu me amas?

DON PEDRO: Com paixão.
Agora falta que eu veja
vosso amor.

ISABEL: Lhe dirã o tempo.

DON PEDRO: Não lhe dês ao tempo trêguas
tendo você vosso amor.

ISABEL: Pois meu esposo deseja
ser, vou te querer.

DON PEDRO: Feliz
sou.

ISABEL: *Receba* o senhor . esta
mão que já é sua.

DON LUCAS: Ela é minha;
és uma mulher perversa,
que está a dar sua mão à toa,
sem ter dado a mim a Igreja.

DON PEDRO: Eu falava por você!

DON LUCAS: Tu és um falador, e ela
é mesmo uma faladora

ISABEL: Se você me deu licença.

DON LUCAS: Sim, mas tu és bem licenciosa.

DON PEDRO: Porém, tu disseste que era
pouco tudo que eu dizia.

DON LUCAS: Era pouco, ninguém nega,
mas, nem tanto, nem tão pouco.

ALFONSA: (ap.) Que ela lhe fale tão terna
e que ele a ame tão fino!

DON LUCAS: Dona Alfonsa?

ALFONSA: Que tu ordenas?

DON LUCAS: Fica *tu com* esta mão.

ALFONSA: Pois não. Peço-te me tenhas
por tua amiga e tua servente.
(ap.) E tua inimiga.

DON LUCAS: Aqui, nesta
mesma noite, vou casar.

ALFONSA: Até ir a São Paulo espera,
para que ali eu e Don Pedro
nos casemos e assim sejam
tua boda e a minha juntas.

ISABEL: (ap.) Queira Deus que antes feneça.

DON LUCAS: Bom. Como a noite caiu,
não darei nenhuma queixa.

DON LUIZ: Morto estou. A acompanhar-vos
irei, com vossa licença,
a celebrar vossa boda.
Eu sou Don Luiz de Contreiras,
vosso servidor antigo.

DON LUCAS: Não vos conheço, em consciência.

DON LUIZ: E amigo de vosso pai.

DON LUCAS: Por você mesmo me alegra,
porém, ^{não} virás comigo.

ISABEL: Morta vou.

CABELEIRA: Formosa besta.

DON LUCAS: Vamos lá.

ALFONSA: (ap.) Morro de ciúmes.

DON PEDRO: (ap.) Que isto minha ^{de}consinta .

ISABEL: (ap.) Que isto nos ocorra a nós.

ANTÔNIO: Que dô de minha cautela.

DON LUCAS: Boa noite, senhor Don Luiz.

DON LUIZ: Lhe seguirei bem de cerca.

(ESCURO)

QUADRO III

CABELEIRA: Aonde vais, meu senhor, desta maneira, meu despido?

DON PEDRO: Cala, cabeleira.

CABELEIRA: Imaginar não posso, aonde vais agora.

DON PEDRO: Não fales grosso.

CABELEIRA: Don Lucas, aqui dorme recolhido, que todo Taubatê escuta o grunhido.

DON PEDRO: Cade o pai de Isabel?

CABELEIRA: Dorme a esse lado, naquele outro aposento.

DON PEDRO: Está fechado?

CABELEIRA: Fechado está, me diz que queres, eia!

DON PEDRO: E donde estão dona Isabel e Andréia?

CABELEIRA: Naquela sala estão.

DON PEDRO: Vem pouco a pouco, que vou lhe falar.

CABELEIRA: Senhor, estás louco, como tu apaixonado de repente?

DON PEDRO: Mais idoso é o mal deste acidente: século faz que sofro um mal eterno.

CABELEIRA: Tinha reu acidente por moderno; porém, se tem tanta idade, mais sábio: devo conhecer tua dor por teu lábio.

218

DON PEDRO: Vais me ajudar depois?

CABELEIRA: Sou teu criado.

DON PEDRO: Nos ouve alguém?

CABELEIRA: Não. Tudo está fechado.

DON PEDRO: Terás segredo?

CABELEIRA: Ser leal eu tento.

DON PEDRO: Escuta meu amor.

CABELEIRA: Estou atento.

DON PEDRO: Era, de janeiro, um ardente dia,
em Rio a data calma discorria,
na praia eu passeava,
o desejo de nadar me tomava
e então, alegres, e também velozes,
ao lado escuto feminiles vozes,
e no morno cristal deste oceano
eu achei a maior beleza do ano:
todo corpo n'água formoso e belo
de fora o rosto, em roscas o cabelo.
Desonesto o cristal que me agosava
com vaidade sô ao mato se a mostrava.
Acho que de amante o mato a queria
pois, pra a gozar ele tudo, a cobria.
ela então se pôs em pé, tudo céu
(cobre o fulgor o que descobre o vêu).
Escondo-me atrás de um frondoso galho,
e as criadas taparam seu belo talho.
Todas lhe dizem que até a beira pule;
nada deixou, pra que eu me congratule.
Disse-me chamuscado:
Que bem me parece o fogo gelado.
Até a praia sai donde vê-la creio,
mas colocou-se diante e não a vejo.
Quando um touro com furia e ousadia
(que era dia de festas esse dia),
galopa pelos gramados, e cego
chega até nós. Eu prego

a Deus para que o ímpio não nos veja
mas **Vai** louco ^{eo} encontro da sereia;
sõ quer beber, e ao ver-nos, se enfurece
e até a moça parece
querer ir; eu meu frio aço interponho
sentindo-me partícipe de um sonho:
ousadia e paixão a um tempo juntas,
cruzo o seu coração de ponta a ponta.
Conhece que a meu amor deve a vida,
a encontro honestamente agradecida.
Vai se embora e na noite
a segui , mas no escuro perdi o coche;
procurei-a em vão com muito cuidado;
voltei pra São Paulo onde onde namorado
gritei cheio de brabeza e de nojos
ãquela imagem que copiei nos olhos.
queixei-me, coitado, sozinho, ao vento.
Convida-me meu primo a um casamento:
a execução de seus preceitos fujo,
vou a Rio a buscar a noiva cujo
rostro nem conheço (nem conhecera)
cobre o rosto Isabel (nem eu quisera
ver nem que pudera) pois já perdida
diz minha esperança que minha vida
está: por p. r. a sorte
a noiva é Isabel, e portanto, a morte
tem que chegar a mim
senão logro arrancá -lhe agora um sim.
Deixa que até ela chegue
para que esta tormente se sossegue.
Permite-me que a obrigue
para que este cuidado se mitigue.
E porque ao falar, minha dor escorra,
minha gloria dure e o tormento morra.

CABELEIRA: Tua relação escutei,
e por Deus, que me lastimo
que se enamore quem tem
tão lindos cinco sentidos.
Tu, senhor, enamorado?

DON PEDRO: É que, o objeto, é divino.

- CABELEIRA: E você é lindo sujeito.
Todo mundo está dormido
aqui dentro, na pousada.
Chamarei?
- DON PEDRO: Devagarinho
- CABELEIRA: Chego?
- DON PEDRO: Não chegues, espera
que estão abrindo o postigo
por de dentro.
- CABELEIRA: Dizes bem.
- DON PEDRO: Que será?
- CABELEIRA: Eu não entendo.
- ISABEL: não me detenhas, Andréia.
- ANDRÉIA: Onde vai?
- ISABEL: A dar suspiros
até os céus de minhas queixas.
- ANDRÉIA: *Te acalma.*
- ISABEL: Não tenho alívio.
- ANDRÉIA: Que tentas?
- ISABEL: Buscar meu pai.
- ANDRÉIA: Ele está agora dormindo.
- ISABEL: Pois vai acordá-lo, Andréia,
que não vai ser dono meu
don Lucas.
- ANDRÉIA: Estás segura?

DOM PEDRO: *Acerca-te.*

CABELEIRA: *Me aproximo.*

ANDRÉIA: Pois, quem tem de ser teu esposo?

ISABEL: Pedro vai ser meu marido,
ou a nenhum ^{eu} vou querer,
se me ama como acredito,
e não a Alfonsa.

DON PEDRO: (ap.) Me dem
parabéns, alma e sentidos!

ANDRÉIA: Vai dormir, mulher.

ISABEL: Não posso.

CABELEIRA: Jantou pouco, não me admiro.

ISABEL: Em que aposento acharei
meu pai?

ANDRÉIA: Ele não foi visto
pela gente recolher-se;
quando *tenha* amanhecido
lhe falarás.

ISABEL: Não alargues
prazos a um amor prolixo;
don Pedro *tem* de ser.

DON PEDRO: Pedro,
ouve teu doce tinido,
e diz que te adorarã,
tão amante, e tão rendido,
que serão alma e potências
tão sómente um serafim.

ISABEL: Quem fala?

DON PEDRO: Quem se *encontrou*
quando se tinha perdido.

ISABEL: Fala baixo, olha que estamos...

DON PEDRO: É que nem a voz domino,
que esta é a voz de *O Amor,*
enquanto está enraivecido.

ISABEL: Senhor don Pedro, se ouviu
que lhe amo, é coisa de fino
homem não se lamentar
pelo que tereis ouvido.
Eu sim que sou desditosa
pois repito que te quero
e, tendo vivo o amor
tenho também ciúmes vivos.
Dona Alfonsa será vossa
com que vem a ser preciso
que, nem eu o possa ser,
nem tão pouco possuir-vos.
Olha pois qual de nós dois
o mais infeliz tem sido,
pois você logra um amor
e eu ciúmes tenho adquirido.

DON PEDRO: Eu, Isabel, tenho ciúmes:
não vem a amar-vos don Luiz?
Já todo mundo tem visto
que ele anda atrás de você.

ISABEL: Eu não posso negar isso
mas a você não *faz mal*
posto que agora te afirmo
que não lhe quero, por mais
que, amante, atento e ativo
me quera ele a mim. Assim,
não tem que importar-te um figo
que ele me ame, porque eu a ele
não lhe quero de marido:
meu preferido é você
e ele é o aborrecido.

DON PEDRO: Pois embora ^oquera a mim
dona Alfonsa, nem indício
tens pra ter ciúmes.

- ISABEL: Mentira,
 porque você não tem dito
 que não a quera a ela, e eu
 que aborreço a don Luiz digo.
- DON PEDRO: Pois eu sō quero a você.
- ISABEL: Não me louves, solicito
 com o amor, para depois
 deixar-lo por aĩ esquecido.
- DON PEDRO: Torma lustroso o diamante
 de meu amor, e em seus brilhos
 terās claras experiências
 da minha dor.
- ISABEL: E os designios
 de meu pai? Remédio tenho
 que encontrar para evadir-nos.
- ANDRÉIA: Ô. senhores!
- ISABEL: Que *queres*?
- ANDRÉIA: Aquele aposento miro
 abrir.
- DON PEDRO: E ele a quem pertence?
- ANDRÉIA: Acho que é o de don Luizinho.
- DON PEDRO: Onde irā?
- CABELEIRA: Madrugaria
 para tomar o caminho,
 antes do amanhecer.
- DON PEDRO: Certo.
- ISABEL: Pois, senhor, eu me retiro.
- CABELEIRA: Senhor, entra tu também,
 que don Luiz, eu acredito,

não pode julgar-te bem
se te pega assim despido.

ISABEL: Olha don Pedro...

DON PEDRO: Que importa
ficar um instante contigo
no entanto que este don Luiz
Va pra longe.

ANDRÉIA: Tu tens dito
coisa certa.

ISABEL: Fecha a porta

DON PEDRO: Tu fica-me aqui escondido.
Não faz mal que ele ~~te~~ veja.

CABELEIRA: Obedecer-te é preciso.

ANDRÉIA: O dito, dito, lacaio.

CABELEIRA: Faxineira, o dito, dito.

(SAI DON LUIZ)

CARRANZA: A meia noite, senhor,
onde vais?

DON LUIZ: Nada te espante:
vou intimar minha amante
a justiça ~~deste~~ Amor.

CARRANZA: Ver-la não adianta nada
e esta em que vãs lhe falar
somente é hora de buscar
ã menina da pousada.
Se tem que ser, vamos pois,
mitiga teu sentimento.

DON LUIZ: E qual é seu aposento
Carranza amigo?

- CARRANZA: Este foi
aonde a noite recolheu-se
pra ocultar seu corpo.
- DON LUIZ: Diz
estás disso certo?
- CARRANZA: Sim.
- DON LUIZ: É verdade que escondeu-se
aqui?
- CARRANZA: Sim.
- DON LUIZ: Pois chama.
- CARRANZA: Chamo.
- DON LUIZ: Responde?
- CARRANZA: Não.
- DON LUIZ: Como assim?
- CARRANZA: Posso dizer-te que sim,
mas não responde, meu amo.
- DON LUIZ: Outra vez podes mexer
baixinho, *pra ver se* acorda.
- CARRANZA: Mexo.
- ALFONSA: (dentro) Quem anda na porta?
- DON LUIZ: *Não é essa* voz de mulher?
Quem será?
- CARRANZA: Isabel seria.
- DON LUIZ: E se é Andréia?
- CARRANZA: Não, senhor,
que eu conheço melhor

sua voz, que sua anatomia .

DON LUIZ: Incerto na voz estou.

CARRANZA: Eu sei que Andréia não é.

DON LUIZ: Se não é Andréia, ela é.

ALFONSA: Quem aqui chamava?

DON LUIZ: Eu sou.

CABELEIRA: (ap.) E agora sai a coitada.

DON LUIZ: Senhora da minha vida
quem vos procurou dormida
e encontra-vos acordada.
Sou quem, com fogo veloz...

ALFONSA: (ap.) É don Pedro, parabéns
pra mim. Que querem vocês?

DON LUIZ: (ap.) Te afasta. Quero vos fiel...

ALFONSA: Pois, como, se isso é assim
não falastes para mim?

DON LUIZ: (ap.) Que razão tem Isabel.
Não faz, desatenta, e nojos
as que operei como sábio,
pois o que ditava o lábio
representavam os olhos.

ALFONSA: Desculpa, que receei,
que é desconfiada quem ama,
que olhavas para outra dama.

DON LUIZ: É verdade que a mirei.
Porém, posto o arrebol
dessa luz, na sua presença,
reconheci a diferença
que existe da terra ao sol.

- ALFONSA: Por lisônja tão ditosa
dons meu amor ofereça;
porêm, como eu ~~te~~ pareça,
não quero ser mais formosa.
- DON LUIZ: Somente ocasião desejo
em que eu possa demonstrar...
- ALFONSA: Don Lucas ~~tem~~de estorvar
nosso amor.
- DON LUIZ: Assim o creio.
Mas, pode dar por seguro
que não vai lograr o intento.
Que enquanto esse casamento...
- DON LUCAS: Quem ~~fala~~ ~~agora~~ no escuro?
- DON LUIZ: Quem ~~é~~?
- ALFONSA: Don Lucas.
- DON LUIZ: E o que
estã fazendo aqui dentro,
se não violar o aposento
sagrado de vossancê?
Assim premiou meu amor?
- ALFONSA: Chega de afiar os gumes
doidos desses teus ciūmes
e escuta-me por favor...
- DON LUIZ: Tenho que ver...
- CARRANZA: Temperança,
não tens que fazer extremos.
Vem.
- ALFONSA: Tchau. Depois falaremos.
- DON LUIZ: Que ~~é~~ isto, amigo Carranza?

- CARRANZA: Acho que, na cinza, demos com o amor.
- DON LUIZ: Vem cá, trás mim, saiu já don Lucas?
- CARRANZA: Sim.
- DON LUIZ: Não dá a impressão que batemos retirada.
- CABELEIRA: (ap.) De vontade vou dormir. Senhor, a gente já se foi. Sai. Mas detem-te.
- DON LUCAS: A fogueira da vaidade. Quem é?
- CABELEIRA: Ele me percebeu.
- DON LUCAS: Quem és tu, cara de figo?
- CABELEIRA: Nesse momento, eu que digo?
- DON LUCAS: Fala homenzinho, quem é?
- CABELEIRA: Eu.
- DON LUCAS: Qual eu? Com isso não salva de uma facada certaíra. Diga quem é?
- CABELEIRA: Cabeleira, ao serviço da tua calva.
- DON LUCAS: Que fazes aqui?
- CABELEIRA: Direi, digo, eu, auxilia-me, São.

DON LUCAS: Atingis-te a porta?

CABELEIRA: Não.

DON LUCAS: Pois, quem a atingiu?

CABELEIRA: Não sei.

DON LUCAS: Tu viu abrir a porta?

CABELEIRA: Sim.

DON LUCAS: E quem era, conheceste?

CABELEIRA: Não senhor.

DON LUCAS: E a que saiste?

CABELEIRA: Senhor, a tua voz saí.

DON LUCAS: Era um homem quem chamava?

CABELEIRA: Sim, senhor.

DON LUCAS: Tu lhe viu?

CABELEIRA: Não,
não vi nada.

DON LUCAS: Aonde entrou?

CABELEIRA: Sei lá.

DON LUCAS: Isto está pior que estava.
Cogito: não pode ser
que quem foi, com mal intento,
por chamar meu aposento,
fosse ao de minha mulher?
pois, se pode ser eu tento
entrar com fera ousadia,
e também com galhardia,
a visitar o aposento,
e a arranhar-lhe até que um aí,

de dor , saia-lhe do peito.

CABELEIRA: Porque não voltas prá o leito?
Ouça senhor, aonde vai?

DON LUCAS: Quero ver minha mulher.

CABELEIRA: Como lhe posso impedir?
Olha que nos temos que ir
e que quer amanhecer.

DON PEDRO: Agora a escapar me obrigo,
embora este ali.

ANDRÉIA: Sais?

DON PEDRO: Sim.

CABELEIRA: Escuta-me.

DON LUCAS: Fica aqui.
Quem é naquele postigo?

DON PEDRO: Ele me viu, fecha logo.
Fecha!

ISABEL: Nasci desgraçada!

DON LUCAS: Prá mim a deixam fechada?
Abram, ou a pego fogo.

CABELEIRA: (ap.) Deus,ele não escapou.

DON LUCAS: Cabeleira!

CABELEIRA: (ap.) Encontrara-lhe.
Tu quer entrar a matar-lhe?
Responde.

DON LUCAS: Não, senão não.
Golpeia a porta.

ANDRÉIA: Quem chama?

DON LUCAS: Essa é a criada?

CABELEIRA: Sim.

DON LUCAS: Faz um favor para mim:
abre; quero ver tua ama.

ANDRÉIA: Entre.

DON LUCAS: Passa tu primeiro:
morrerã, a fê de cristão.

CABELEIRA: Põe a faca na outra mão
e dā prã mim o candeeiro.

(ESCURO)

QUADRO IV

- ISABEL: Entrou Don Lucas?
- DON PEDRO: Entrou,
despido seu sabre fero.
- ISABEL: detrás daquela cortina
te esconde.
- DON PEDRO: Não sei se quero.
Direi que estamos casados.
- ISABEL: Se tu falas, eu me perco;
esconde-te dono meu
- DON PEDRO: Adverte.
- ISABEL: Já não tens tempo,
oculta-te.
- DON PEDRO: Não discutas.
- ISABEL: Olha senhor ...
- DON PEDRO: Estou cego.
- ISABEL: Faz isto por mim, senhor.
- DON PEDRO: Isabel, já te obedeço.
- DON LUCAS: Alumia, moço.
- CABELEIRA: Vou.
- DON LUCAS: Quem está neste aposento?
- ISABEL: Que é isto senhor Don Lucas?
Está doido ou enfermo,
para entrar desta maneira
quebrantando meu silêncio.
- DON LUCAS: Que fazes, mulher, despida,

aquestas horas?

ISABEL: No leito,
desperta e ~~assim~~ despida,
estava aguardando o tempo
de partir; e ~~por~~ que armado
de mortífero aparelho,
você entrou desta maneira?

DON LUCAS: Que homem estava aqui dentro ?

ISABEL: Estás doido?

DON LUCAS: Não senhora,
estou em vosso aposento
para olhar por todas partes.
Alumia, amigo; vou
ver detrás desta cortina.

CABELEIRA: Bem falado; chego perto.
Jesus!

DON LUCAS: O que foi?

CABELEIRA: Cair
e matar a luz a um tempo.

DON LUCAS: Traz outra.

CABELEIRA: Tenho quebrado
um pê. Sai senhor.

DON PEDRO: Eu tento
sair, olhando que agora
não há luzes.

DON LUCAS: Que de dentro
traga alguém logo uma luz.
Botar-me na porta quero,
não seja que estando a escuras,
se afaste quem está dentro.

ISABEL: O meu Deus, que vou fazer?

DON LUCAS: A quem temos aqui?

DON PEDRO: Creio
que choquei-me com Don Lucas!

DON LUCAS: Topei com algum sujeito:
quem ~~é~~?

CABALEIRA: Eu que vou por luzes.

DON LUCAS: Mentas, que é de melhor pelo
quem eu seguro.

CABELEIRA: Senhor,
eu sou.

DON LUCAS: Agora veremos.

ALFONSA: Tem luz aqui.

DON LUIZ: Aqui também.

DON LUCAS: Pois que faz aqui, Don Pedro?

DON PEDRO: Senhor olhar por tua honra ,
e por aquilo que devo
olhar, que tu és de meu sangue.

DON LUCAS: Deixa ^{de} fazer acenos
e diga o que faz aqui

DON LUIZ: Eia, responda Don Pedro.

DON LUCAS: Quem foi que te meteu nisto?
Minha sombra, cavalheiro,
é você?

DON LUIZ: Sou vossa luz,
pois a trouxe.

DON LUCAS: E eu te peço,
por que não a necessito,
que te a leves de regresso.

ALFONSA: Diz, don Lucas, que ocorreu?

DON LUCAS: Aqui dentro encontrei Pedro.

ALFONSA: Pois a que entrou?

DON LUCAS: Eu que sei?

ALFONSA: Ama a Isabel?

DON LUCAS: Eu suspeito,
posto que estava escondido
agora.

ALFONSA: Auxilia-me, Deus.

CABELEIRA: Deu-lhe o mal.

DON LUCAS: Pega esta mão
e estica-lhe bem o dedo
do meio. Não tem ninguém
um remédio?

ISABEL: Acho que eu tenho
algum.

DON LUCAS: Vai por ele.

ISABEL: Vou.

DON LUCAS: Vês, primo, o que tu tens feito.
Pegue-lhe esta mão você
que eu vou pra meu aposento,
magoado como nunca
de vosso comportamento.

DON PEDRO: Se foi?

CABELEIRA: Sim.

DON PEDRO: Que vou fazer?

CABELEIRA: Faremos o que pudermos.
Requebra esta desmaiada,
se entra Don Lucas, mais terno,
pra que ele creia que a queres,
que isso importa.

DON PEDRO: Bom intento.

CABELEIRA: Ele vem já.

DON PEDRO: Dona Alfonsa,
meu sol, meu divino céu.

ISABEL: O que ~~é~~que estou escutando?

DON PEDRO: Senhora, sô a você quero,
e sô a vossa formosura
se consagram meus desejos.

ISABEL: Pois, falso traidor, ousado.
Por meu coração ciumento
juro pagar em vinganças
quanto cobro em escarmentos!
Em guarda.

DON PEDRO: Espera, senhora,
considera que estes verbos
os disse porque Don Lucas
acredita-se que a quero,
não porque a ti não te adore.
Escuta-me.

ISABEL: Não te creio.
que ~~ad~~não estar ele aqui,
tuas desculpas soam feio.

DOM PEDRO: Escuta.

ISABEL: Não tenho ouvidos.

PEDRO: Observa bem...

ISABEL: Já te deixo.

DON PEDRO: Que apenas te quero a ti,
e a dona Alfonsa aborreço.

ALFONSA: Pois, pelos céus, crúel,
falso, ingrato, lisongeiro,
que tens que dizer das tuas,
a qual adoras, pois creio
que a ela lhe mentes finezas,
e a mim me finges desejos.

CABELEIRA: O desmaio era fingido,
e isto assemelha o inferno.

ALFONSA: Diga a quem quer.

ISABEL: Isso aguardo.

DOM PEDRO: Olhai.

ALFONSA: Em que está suspenso?

ISABEL: Tu me queres?

DON PEDRO: Que direi?

ALFONSA: Me aborreces em teu peito?

DON PEDRO: Meu Deus!

ISABEL: Diz.

ALFONSA: Porque te turvas?

ISABEL: Quem merece teu desprezo?

ALFONSA: A qual de nos duas amas?

DON PEDRO: Digo...

CABELEIRA: Por sua vida temo.

DON PEDRO: Que quero... (ap.) a primeira ofendo
se a segunda favoreço.

ALFONSA: Estas eram as finezas

com que a noite, no aposento,
disseste que me adoravas?

DON PEDRO: No aposento.? não te entendo.

ISABEL: *Queres* Alfonsa, traidor!

ALFONSA: Isto que fazes é feio.

DON PEDRO: Dona Alfonsa...

ALFONSA: Não te escuto.

DON PEDRO: Dona Isabel...

ISABEL: Eu te odeio!

DON PEDRO: E agora que vou fazer?
Eu sou bobo, Cristo, credo.

(ESCURO)

QUADRO V

ANTÔNIO: É por que nos afastamos do caminho, que tu quer?

DON LUCAS: Agora, sogro, vais ver.

ANTÔNIO: Já estamos sós.

DON LUCAS: Sim, estamos.
Vem o coche?

ANTÔNIO: Se ficou mais de uma légua de aqui.

DON LUCAS: Você vai escutar-me?

ANTÔNIO: Sim.

DON LUCAS: E não se enfadará?

ANTÔNIO: Não.
Queres falar muito?

DON LUCAS: Muito,
e não quero interrupção,
ou seja, não fales.

ANTÔNIO: Não.

DON LUCAS: Pois escuta.

ANTÔNIO: Sim que escuto.

DON LUCAS: Eu sou, senhor don Antônio de Contreras, um fidalgo. não sou nada cavalheiro de cidade. Cortesão sou, muito bem entendido: eu não sou malbaratado. Enfim, discreto, valente, galã, garboso, bizarro, e, sobre tudo possuindo

meio espanhol e torero, além de gaúcho honrado,

46

e renda oito mil cruzados,
saio a que Isabel mereça
estas graças nos seus braços,
e encontro^{que} em vossa filha
me entrega, por lebre, gato.

ANTÔNIO: Adverte que tu és um nêscio.

DON LUCAS: Tenho mais.

ANTÔNIO: Não vou escutar-vos,
matar-vos fora mais justo.

DON LUCAS: Senhor meu, não façamos
pendência; escutai agora,
e vamos ao conto.

ANTÔNIO: Vamos.

DON LUCAS: O primeiro: logo ao ponto
que me viu, se foi de lábios.
Disse-me muitos requebros
com muito rodeio estranho,
e acho que amor falador
não pode ser amor casto.
Dois: argüiu com meu primo
dá cá o trato, toma o trato,
e com isso se lhe viu
que é tratante a trinta passos.
Mais: um don Luiz vem seguindo,
amante astuto, a meu lado,
modesto, mas muito falso;
e na pousada, esta noite,
achei meu primo encerrado
no aposento de Isabel,
e hoje, ao ir examiná-lo,
pergunto qual foi a causa
de ter a noite violado
o que ela chamava templo
e tu chamarás sagrado,
e disse-me que ali oculto
estive por ver se acaso
don Luiz falar-la tentava
para que seu aço içado
troca-se em vinganças nobres

aqueles ciúmes velhacos.

ANTÔNIO: E falou com don Luiz?

DON LUCAS: Não;
mas é caso temerário
que deva andar um marido
por se fala, preocupado.
Por uma mulher é própria,
vou andar eu vacilando
quando por minha pessoa
tenho mulheres a passo?
Não vou-me casar com ela
nem que me façam pedaços,
que havendo tantas suspeitas
aqui, debaixo do casco,
sendo que o sogro está turvo,
tem que ser o genro claro.

ANTÔNIO: Sabes com quem tás falando?

DON LUCAS: Sim me dá a carta de pago
e te leva vossa filha.

ANTÔNIO: A vocês dois vou casar-vos
ou vou te aqui dar a morte.
Que vão dizer de minha honra
quem saiba que vim casar-se?

DON LUCAS: E que diram meus criados
que estão vendo que don Luiz
lhe anda seguindo seus passos?

ANTÔNIO: *Don Luiz segue este caminho
porque vai até São Paulo.*

DON LUCAS: Porque vai tão devagar
indo em mula?

ANTÔNIO: Não é claro
que é por levar companhia
e não ir sozinho?

DON LUCAS: O caso
é que por não ir sozinho

ele vai acompanhado.

ANTÔNIO: Não disseste que teu primo
meteu-se a noite no quarto
de minha filha?

DON LUCAS: Assim mesmo
por ele me foi contado
pra ver se melhor falava
com ele.

ANTÔNIO: Desenganar-vos
então. E essa diligência
logre quietar vosso engano:
don Luiz adiantou-se a noite
e está agora já em São Paulo.
Eu fico com a tua queixa
e tu com teu desengano.

DON LUCAS: Porém, disse-me meu primo,
que é bastante mais cursado,
que as mulheres sempre escolhem
o pior.

ANTÔNIO: Pois aliviar-vos
que não tereis mal partido,
se é verdadeiro esse adágio.

DON LUCAS: Agora senhor Antônio
volto a dizer que estou ~~lhano~~
a casar com vossa filha,
e que estou desenganado.

ANTÔNIO: Vou admitir teu partido.

DON LUCAS: Pois esperemos o carro
naquele caminho.

ANTÔNIO: Vamos.
Deus vos faça mais discreto.

DON LUCAS: Impossível: já fez farto.

(se vão)

- CABELEIRA: Para, cocheiro; o coche capotou.
Acho que o eixo dianteiro se quebrou.
- ISABEL: O coche capotou.
- ANDRÉIA: Em hora mã seja.
- ISABEL: Don Pedro saca dona Alfonsa, Andréia.
Que mais? assim o amor fica aclarado.
- ANDRÉIA: Vai ~~lhe~~lar outro mal como o passado;
agora lhe procura um travesseiro.
- ISABEL: Eis um amor sincero.
- ANDRÉIA: Já dona Alfonsa nele se sentou.
Don Pedro na liteira ~~te~~ buscou,
e como não te achou, estou receando
que vem até aqui.
- ISABEL: Que fique buscando,
pois eu não vou lhe falar.
- DON PEDRO: Ei, detente
não queiras...
- ISABEL: Deixa-me.
- DON PEDRO: Tão impaciente,
malograr minha verdade.
- ISABELA: Quem creia
em ti, que te escute.
- DON PEDRO: Ajuda-me, Andréia,
iras e passos detem
- ISABEL: Crúel, destro enganador,
que provocas com o amor
pra ferir com o desdem.
Quem é tão ingrato, quem?
Quem foi tão desconhecido
que para ter conseguido
uma tão fácil vitória
ressuscite uma memória

com a morte de um olvido?
 Alfonsa disses que queres,
 a mim disses que me adoras,
 por uma, fingindo, choras,
 por outra, amando, morres.
 Pois, como se a ela preferes
 tua vontade aclarada,
 vou crer tua paixão errada
 quando sei que estás fingindo
 Vou ser a preferida
 e Alfonsa será olvidada?
 Quer, adora Alfonsa bela
 e que seja eu esquecida,
 porque já estou bem achada
 com teu olvido e minha estrela;
 eu vou ser a infeliz, e ela
 quem te merece melhor;
 pois tive um erro, senhor,
 que foi querer-te, está bem
 que pague com o desdém
 tudo que erreí com o amor .
 Cruel, destro enganador
 que provocas com o amor,
 pra ferir com o desdém.

DON PEDRO: Deixa esta paixão que, dura,
 teus sentidos desinquieta,
 e não sejas tão discreta.
 Acretida a formosura
 de ti própria e te assegura
 que eres quase uma deidade
 e crerás minha verdade;
 rejeita, como se estrume
 fosse, esse excessivo ciúme,
 e cria um filho: a vaidade.

ISABEL: Essa prudente advertência
 com que tua paixão me ajuda
 fora boa para a dúvida
 porém, não para a evidência.
 Ela, na minha presença
 disse que em seu quarto esteves,
 se foi assim, tu lhe deves
 ter um amor de verdade.

Como, com minha vaidade,
que me sossegue me pedes?
E ainda que isso fosse, diz,
diz, quando com ela estavas
não te ouvi dizer que amavas
a dona Alfonsa?

DON PEDRO: E assim.

ISABEL: Estás confessando?

DON PEDRO: Sim,
porém, fingido amor é.

ISABEL: E quando te perguntei
a qual das duas querias,
porque não me respondias?

DON PEDRO: Ouve porque.

ISABEL: Diz porque.

DON PEDRO: Porque é grosseria errada
nunca ao beijo permitida,
desprezar a aborrecida
na presença da amada;
chegue com querer-me bem
sem que ao ver desprezo tal
lhe venha a pagar tão mal
porque ela me quis tão bem

ISABEL: Pois galã não quero agora
que não quer mostrar desprezo
a quem rejeitou. Esqueço
que te amei. Vai.

DON PEDRO: Mas senhora,
que agradeça não te espante
ver que me ama tão constante
mas a ti te preferi.

ISABEL: Agradecido estás, sim:
perto estas de ser amante!

DON PEDRO: Ouve senhora e verã̃s...

ISABEL: Nã̃o quero escutar.

DON PEDRO: Espera.

ANDRÉIA: Don Luiz olhou na liteira
e viu que ali tu nã̃o tã̃s.

DON PEDRO: E agora tu me dirã̃s
que te nã̃o tem afeiçã̃o?

ISABEL: Dar-te-ei satisfaçã̃o.

DON PEDRO: Eu tambẽm nã̃o vou te crer.

ISABEL: Achas que devo perder
com teus ciũmes a razã̃o?
Pois nã̃o vai valer-te, nã̃o.
Desprezar-lo penso aqui.

DON PEDRO: Tu quer que eu te escute?

ISABEL: Sim.
Don Luis?

DON LUIZ: De quem ẽ o som?

ISABEL: Meu.

ANDRÉIA: Ele jã̃ te percebeu,

ISABEL: Esconde-te entre esses ramos.

DON PEDRO: A satisfaçã̃o ouçamos.

ISABEL: Eu vou ficar com receios
e tu ficarã̃s sem zelos.

CABELEIRA: Vem, senhor, que chega.

DON PEDRO: Vamos.

9

ISABEL: Se tem que ser, obedeço.

ANDRÉIA: Chamaram.

ISABEL: (ap.) Chegou a morte!

ANTÔNIO: Abre a porta.

ANDRÉIA: Já está feito.
O senhor seja bem vindo.

ANTÔNIO: Que o céu vos guarde, Don Pedro.

DON PEDRO: *Bom dia*, senhor Antônio

ANTÔNIO: *Encantado*. Tudo certo?

DON PEDRO: Sim pra mim. Que tal você?

ANTÔNIO: *Bom*. Senta aqui.

DON PEDRO: A cumprir venho
uma ordem de Don Lucas:
que chegue e não tome assento,
que vos peça sua esposa
e que a leve *já sem tempo*.

ISABEL: (ap.) Não pode ser, Deus do céu,
este não é o cavalheiro
que defendeu minha vida?
Andrêia!

ANDRÉIA: Que há? *O* que temos?

ISABEL: Este é a quem te dizia
que tenho amor.

ANDRÉIA: Não te entendo.
Este é quem te deu a vida
como me disseste?

ISABEL: O mesmo.

12

ANDRÉIA: É este quem *queres?*

ISABEL: Também.

ANDRÉIA: Se este é primo *do* nojento,
que farás?

ISABEL: *M*orrer, Andréia.

ANDRÉIA: Aguarda um pouco de tempo
e veremos o que passa
entre Don Lucas e Pedro.

ANTÔNIO: Dona Isabel que esperamos?
A liteira.

DON PEDRO: É mesmo certo
que você não vai sair
do Rio.

ANTÔNIA: *P*orque Don Pedro?

DON PEDRO: Porque não o quer meu primo.

ANTÔNIO: Pois me diga: é que não tenho
direito de acompanhar
minha filha? E além disso
se eu não a levo para ele
e quanto manda obedeço,
como poderã dar conta
daquilo que não lhe entrego?

DON PEDRO: Tudo isso já está previsto,
olha este papel que deixo
com que não necessitais
ir embora.

ANTÔNIO: *Q*uero lê-lo.
*Q*uê *é* isto? Papel selado?

ANDRÉIA: Que será?

CABELEIRA: Eu não entendo.

ANTÔNIO: "Recebi de Don Antônio de Contreras uma mulher,
pra que seja minha com suas prendas boas ou más,
esguia de corpo, pele morena e donzela de feições,
e a devolverei tal e tão inteira, sempre que me for
pedida por nulidade ou divórcio. Em São Paulo a 4 de
setembro de 1638 anos. Don Lucas do Cigarral."
Quero ver a Don Lucas
na pousada. Quero, quero.
vem Isabel.

ISABEL: (ap.) A morrer.

DON PEDRO: (ap.) Devo ver seu rosto, céus.

ANTÔNIO: Isabel, vai em liteira.

ANDRÉIA: (ap.) Vai na frente.

CABELEIRA: (ap.) Ali te espero.

ANTÔNIO: Me pergunto.... vamos.

ISABEL Vou.

ANTÔNIO: Que tu esperas?

DON PEDRO: Já obedeco.

(ESCURO)

QUADRO SEGUNDO

CARRANZA - Não dirás pra mim, Don Luiz, onde vamos?
 Já na pousada estamos.
 Don Luiz, fala-me e de chorar tu deixa:
 o que tens?

DON LUIZ: Uma queixa.

CARRANZA: Porque *causa* saiu você da corte?
 Esta pousada nada tem que importe
 para teus sentimentos.
 Diga: que tem, senhor?

Don LUIZ: Desvairamento.

CARRANZA: Não fales afetado
 e me diz porque razão tem chegado
 a esta pousada. Nara-me, em efeito:
 O que estas procurando

DON LUIZ: Meu objeto.

CARRANZA: Qual o que? Na claro meu senhor.

DON LUIZ: Divago doidamente por amor.

CARRANZA: Acabaremos e dirás que tens?

DON LUIZ: Serã que vais escutar meus desdens?

CARRANZA: Diga, senhor.

DON LUIZ: A minha voz te peço
 que escutes como quem recebe um beijo:
 Carranza amigo, encontrei-me inclinado,
 custou-me uma deidade algum cuidado;
 e ela, ao ver meu amor enternecido
 pagou-me com despreços ao ouvido.
 Hoje saiu da corte
 para lograr, indigno, outro consorte;
 por aqui tem que passar, e aqui a espero
 convalecer minha esperança quero
 dando aos lábios meus ímpetos velozes:
 pra ver o que ela faz com minhas vozes.

DON LUIZ: Ao carinho de tua voz
 não venho, divina ingrata,
 como outras vezes já vim,
 a consagrar vida e alma.
 A ser escarmento venho
 de O Amor, a ser vingança.
 Eu sou quem na tua ^{af} covã
 logrou ontem, para nada
 de teus lábios mais favores
 que tu ^{que}ixas da minha ancía.
 E quando voltæi ao quarto
 com meu coração em brasas
 a dar graças ao Criador
 pelo favor que alcançava,
 ouço noutro quarto vozes,
 pego a luz, procuro a causa
 e acho , ai Deus, que com don Pedro
 a fê que em ti tinha, agrãvias.
 Não quero já teus favores,
 o ano de dūvida basta,
 me desengane meus olhos,
 com ser eles quem me enganam
 já o sim que me deste ã noite
 não estimarei.

ISABEL: Repara
 que eu não te falei esta noite.
 Onde ou como?

DON LUIZ: Jã não falta
 senão que também me negues
 haver me dado palavra
 de que serãs minha esposa;
 tu ês uma mulher ingrata.

ISABEL: Falei te a noite?

DON LUIZ: Isto negas?

ISABEL: Olha...

DON PEDRO: (ap.) Minha honra que aguarda?

DON LUIZ: Eu sō venho a despedir-me

desse amor; fica aqui, falsa.
 Razão tenho, tu já sabes,
 ciúmes tenho, tu **moS** causas;
 se duvidosos obrigam,
 averiguados, agravam.

ISABEL: Espera...

DON LUIZ: Vou-me!

DON PEDRO: Ah, cruel.

ISABEL: Olha...

DON LUIZ: Deixa-me, traidora.

DON PEDRO: Me pede ciúmes agora
 de dona Alfonça, Isabel!
 Como podes tu negar
 que esteves, grande tormento,
 com Luiz em teu aposento?
 Responde-me.

ISABEL: Com calar.

DON PEDRO: Isabel, ingrata, diz,
 fogo em todas as mulheres,
 como negas que lhe queres?

ISABEL: Com dizer que te amo a ti.

DON PEDRO: Entrou?

ISABEL: A calar me sentenço:
 Um bronze obstinado labras.

DON PEDRO: Tu não crês minhas palavras
 e eu vou crer em teu silêncio?

ISABEL: Pois, falso, aleivoso, infiêl,
 ingrato como inimigo,
 se estive a noite contigo
 como pude estar com ele?
 Como ia falar, espero
 saber eu, quando quizera?

Responde-me.

DON PEDRO: Não pudera
falar-te ele a ti primeiro?

ISABEL: Não pudera, e esse foi
o vestígio mais impróprio:
não sabes tu que tu próprio
lhe olhas-te sair depois
de sua alcova?

DON PEDRO: Foi assim.

ISABEL: Então castigo mereces.

DON PEDRO: Não pode sair duas vezes?

ISABEL Já que o disses, pode sim,
mas, estando tu escondido,
que eu te amava, não ouviste?

DON PEDRO: Sim, porém também pudeste
haver-me já conhecido.

ISABEL: Já que em esses ciúmes dás,
me diz, don Pedro, depois:
eu posso quer os dois?

DON PEDRO: Tu queres don Luiz, não mais.

ISABEL: Advirte...

DON PEDRO: Não tou em mim.

ALFONSA: Don Pedro, que faz aqui?

DON LUCAS: Que é isto, dona Isabel?

DON PEDRO: Xingar-me agora também
porque entrei com esse intento
que te disse no aposento
esta noite.

DON LUCAS: Ela fez bem.

ISABEL: (ap.) Esforcemos a saída.
E a vosso amor corresponde
que entre outro que você aonde
estivesse recolhida?

CABELEIRA: (ap.) Deste trovão escapamos.

ISABEL: Duvidas sendo quem sou
ninguém entra onde eu estou.

DON LUCAS: Prã que ninguém entre andamos

ALFONSA: Que acredites, maravilho
esse enfado que falseou
ele quer-la...

DON LUCAS: Já sei eu
que para ele a quer Luizinho,
mas eu saberei cortar...

ALFONSA: Não é isso...

DON LUCAS: Vai senhora
que estas muito faladora.

ALFONSA: Olha...

DON LUCAS: Não quero encher gar.

ALFONSA: Adverte, senhor, que é ele.

DON LUCAS: Cala a boca, não me enfades:
façam-se estas amizades;
dai-lhe um abraço Isabele.

ISABEL: Faço por você o reparo.

DON LUCAS: És muito honesta Isabele.

ISABEL: Acaso vai querer ele?

DON LUCAS: Não é claro?

DON PEDRO: Não é claro.

- DON LUCAS: Como não? Desce dos cumes.
- DON PEDRO: Pois não tenho satisfeita
uma evidente suspeita.
- DON LUCAS: Que suspeita?
- DON PEDRO: De uns ciúmes.
- ALFONSA: Já entendeu, meu irmão?
- DON LUCAS: Não.
Pois tem outra causa?
- ISABEL: Sim,
que está dona Alfonsa aqui.
- DON LUCAS: E que eu esteja ^é em vão?
Tens que dar-lhe um bom abraço.
Faz-me só aquesta mercê.
- ISABEL: Eu vou dā-lo por você.
- CABELEIRA: (ap.) Isso são guampas, eu acho.
- DON LUCAS: Assim me parece bem.
- ALFONSA: Olha irmão...
- DON LUCAS: Isto já é enfado.
Está o coche adereçado?
- ANDRÉIA: Sim, senhor.
- DON LUCAS: Isabel vem.

(ESCURO)

QUADRO VI

- CARRANZA: Isto é a *Tijuca* senhor.
- DON LUIZ: Desarranjado lugar.
- CARRANZA: A primeira pulga diz,
que foi de aqui natural.
Aqui vai parar o coche
e a liteira.
- DON LUIZ: Pois falar
preciso aqui com Don Lucas.
- CARRANZA: Eu acho que chegam já.
Porém, que tentas dizer-lhe
se lhe falas?
- DON LUIZ: Já verás.
- DON LUCAS: Está um cavalheiro aqui
que me quer falar?
- DON LUIZ: Sim, tá
- DON LUCAS: Você?
- DON LUIZ: Sim, senhor Don Lucas.
- DON LUCAS: Ainda estas a caminhar?
Vais em mula ou em camelo?
Porque de ontem para cá
quando te imagino diante
acho-te logo detrás.
- DON LUIZ: Quero falar-vos.
- DON LUCAS: Eu não
quero que me fales.
- DON LUIZ: Mas
é claro que a você importa.
- DON LUCAS: Embora assim seja, assaz
vos escutei.

- DON LUIZ: Se vossa honra
tocasse?
- DON LUCAS: A honra tocar
não ouse, que até minha honra
ninguém deve se acercar.
- DON LUIZ: Não vais ouvir duas palavras?
- DON LUCAS: Duas palavras?
- DON LUIZ: Duas não mais.
- DON LUCAS: Pois diga.
- DON LUIZ: Dona Isabel
quer-me a mim somente.
- DON LUCAS: Zás!
Muito mais de mil tens dito
com duas palavras não mais.
- DON LUIZ: Senhor, eu olhei Isabel...
- DON LUCAS: Bem poderas desculpar
~~haver~~-la mirado.
- DON LUIZ: O sol,
quando com luz celestial
sai ao oriente divino...
- DON LUCAS: Senhor Don Luiz, acabar
seria bom.
- DON LUIZ: Adorei
com amor tão pertinaz...
- DON LUCAS: Pertinaz? Don Luiz, tu quer
que, as pressas, vaia enforcar
a mim mesmo, nessa praça?
Tu quer ver-me pendurar?
- DON LUIZ: Me quis Isabel, mas eu
descobri-la num olhar
~~como~~ ao descuido, ^{mas} que era
cuidado, pra mim, veraz,
que quem os olhos entende...

- DON LUCAS: Oculista ou barrabás,
que nos olhos de Isabel
achas-te um oculto mal,
me diz como te premiou
que aquesto é o principal,
e não fales tão polido.
- DON LUIZ: Seu prêmio foi não olhar
para mim até esta noite
que falou-me no saguão
e minha esposa, me disse,
quer ser, mas, por força, vai
a dar sua mão a você...
- DON LUCAS: Não quero mais escutar;
mas juro por esta espada
que mo terás que pagar.
- ALFONSA: Meu irmão está aqui dentro?
- DON LUCAS: Minha irmã quer me falar,
enquanto isso, retirar-vos.
- ALFONSA: Venho falar-vos.
- DON LUCAS: Hã tal?
Muita gente quer falâ -me!
- ALFONSA: Diz, senhor, vais te enojar
das minhas vozes?
- DON LUCAS: Não sei.
- ALFONSA: Sabes, senhor...
- DON LUCAS: Sei lá.
- ALFONSA: Que sou mulher...
- DON LUCAS: Eu não sei.
- ALFONSA: Eu, senhor...
- DON LUCAS: Acaba já!

- ALFONSA: Tenho amor...
- DON LUCAS: Meus parabéns.
- ALFONSA: A Don Pedro.
- DON LUCAS: Bem está!
- ALFONSA: Mas ele a mim não me quer porque, amante desleal, a dona Isabel procura deixando-me a mim de amar.
- DON LUCAS: Digo que acredito nisso.
- ALFONSA: Tu sabes que me dá um mal de coração.
- DON LUCAS: Sim senhora.
- ALFONSA: E também te lembrarás que na pousada esta noite me deu um mal desses.
- DON LUCAS: Pois que há?
- ALFONSA: Saberás que o mal fingido foi.
- DON LUCAS: Então quem te crerá se te dá o mal verdadeiro?
- ALFONSA: Importou disimular, porque don Pedro, traidor, julgando que era veraz, disse a Isabel mil ternezas e tão adiantado está seu amor que em tua presença lhe requebrou.
- DON LUCAS: Bom está.
- ALFONSA: A noite estive com ela no seu aposento, e já

como meus ciúmes tem sido
declarados, poderás
tomar vingança nos dois.

DON LUCAS: Mas, quem pode examinar
se quer don Luiz ou ^{dom} Pedro?
Porém, ambos quererã
porque esta tal Isabel,
tem destreza singular.
Eu tomarei tal vingança
e farei castigo tal
que passem toda sua vida
sem que logrem me olvidar.

ALFONSA: Pois que intentas?

DON LUCAS Don Antônio?

ALFONSA: Sentado estã no saguão.

DON LUCAS: Don Pedro?

ALFONSA: Jã entra don Pedro.

DON LUCAS: Dona Isabel?

ALFONSA: Ali estã.

ANTÔNIO: Que tu mandas?

ISABEL: Que tu quer?

ANTÔNIO: Que me ordenas?

DON LUCAS: Esperar.
Cabeleira, entra cã dentro.

CABELEIRA: Como ordenas, entro jã.

DON LUCAS: A porta fecha.

CABELEIRA: Jã fecho.

DON LUCAS: Dã cã a chave.

- CABELEIRA: Ela vai.
Tamos todos aqui dentro?
- DON LUCAS: Falta Don Luiz nada mais
Saia cá fora.
- DON LUIZ: Que é isto?
- ALFONSA: Que pretendes?
- DON LUCAS: Escutai:
O senhor don Luiz, que veis,
falou pra mim, que é galã
de dona Isabel, e disse
que com ela vai casar,
porque ela deu-lhe a palavra
na pousada e...
- CABELEIRA: Não há tal;
que na pousada esta noite
vi -lhe uma porta chamar,
e falou com dona Alfonsa,
que com Isabel, jamais.
Tu escutaste a noite um ruído,
e não saíste a buscar
um homem com luz e espada?
Era ele.
- DON LUIZ: Quem negará
que ao tu sair, me escondi?
mas tem que, calmo, julgar
que eu falei com Isabel,
não com Alfonsa.
- ALFONSA: Ai, mãe,
eu fui quem ali falou,
porém, eu fui ali a falar
achando que era don Pedro.
- DON PEDRO: (ap.) Amor, parabéns me dá!
- ISABEL: Entendeste?
- DON PEDRO: Sim, amor.

DON LUCAS: Isto está bem como está.
Porém, vamos a outro caso,
que tem mais que averiguar.
Dona Alfonsa me contou
que traidor e desleal,
amas a Isabel...

DON PEDRO: Senhor...

DON LUCAS: Escuta-me sem falar,
você me disse esta noite
que entrou somente a cuidar
por minha honra no seu quarto,
estavas sendo veraz?
Sei que te escutou Alfonsa
terníssimo requebrar
e a satisfazer amante.

ANTÔNIO: Não podes acreditar...

DON LUCAS: Acreditarei se quero.
Esteja-se você em paz.

ISABEL: Pai e senhor...

ANTÔNIO: Que respondes?

ISABEL: Don Pedro...

ANTÔNIO: Remissa estás.

ISABEL: Ele é quem me deu a vida
no Rio.

DON PEDRO: E ele quem já
não pode agora negar-te
que não te deixou de amar.
Primeiro que tu a quiseras
adorei; não é desleal
quem não pode reprimir
um amor tão eficaz.

DON LUCAS: Cala, priminho, que juro...
Porém, não quero jurar,
que vou vingar-me de ti.

- DON PEDRO: Estréia tua faca já
em minha garganta.
- DON LUCAS: Não,
não dá para vos matar,
isso queria você.
- DON PEDRO: Que intentas?
- ALFONSA: Que quererã?
- DON LUCAS: Entre bobos anda o jogo.
- ANTÔNIO: Que diz?
- DON LUCAS: Agora verãs.
Tu és, don Pedro, muito pobre,
talvez não te lembrarãs
que sem mim tarias morto
- DON PEDRO: Ele está sendo veraz.
Isabel também é pobre:
Por formosa e nada mais
eu me casava com ela,
mas não tem nem um real.
- ANTÔNIO: E por isso que, ela, é
virtuosa e principal.
- DON LUCAS: Pois dá-lhe a mão neste ponto
que assim eu vou-me vingar:
ela pobre, você pobre,
não tereis hora de paz,
o amor acaba-se logo
necessidade, jamais;
hoje, com o pão da boda,
não procurareis mais pão;
os vingais de mim de noite,
mas amanhã o mais tardar,
quando almoçeis um requebro
e na mesa em vez de pão,
ponhãis uma fê ao comer
e um "te quero", no jantar,
e, em vez de galas, te ponhas

um bom amor de Milão,
ou teia de "minha vida",
ferrada com "me amarás?",
então vereis de nós dois
quem se vingou e de qual.

DON PEDRO: Senhor...

DON LUCAS: Terás que casar-te!

CABELEIRA: Crúel castigo lhes dá.

DON LUCAS: Que sigam brincando a bobos;
assim sim que pagarão
e quando estem sem panela
veremos se se amarão.

(P A N O)